

A CAUSALIDADE DO BEM NO SÍMILE DO SOL DA *REPÚBLICA* DE PLATÃO

THE CAUSALITY OF THE GOOD IN THE SIMILE OF THE SUN OF PLATO'S *REPUBLIC*

ANDRÉ BRAGA DA SILVA*

Resumo: O artigo identifica um problema na história da interpretação do símile do Sol da *República* de Platão, no que tange aos sentidos que, na passagem *Rep.* 509b, foram atribuídos pelos estudiosos aos termos *eînai* e *ousía*. Mais que um mero problema de tradução, a questão é crucial, porque determina o próprio alcance da causalidade que o personagem Sócrates atribui à Ideia de Bem em relação às outras Ideias. O artigo apresenta as principais posições exegéticas acerca da matéria assumidas pelos especialistas dos séculos XX e XXI. Em seguida, faz a crítica a algumas das principais soluções do problema, demonstrando qual posição se encontra compatível com o texto de Platão.

Palavras-chave: *República*; Bem; Sol; Ideia; Forma.

Abstract: The paper identifies an issue in the history of the interpretation of the Simile of Sun in Plato's *Republic*, concerning the senses that scholars have attributed to the terms *eînai* and *ousía* in *Rep.* 509b. More than a mere matter of of translation, the issue is crucial, as it determines the very scope of the causality that the platonic Socrates assigns to the Idea of the Good in relation to other Ideas. The paper presents the main exegetical positions on the subject taken by twentieth- and twenty-first-century specialists. It then offers a critique of some of the leading solutions to the problem presented by the scholars, demonstrating which position proves to be most compatible with Plato's text.

Keywords: *Republic*; Good; Sun; Idea; Form.

* Pesquisador da Universidade Estadual do Norte do Paraná, Jacarezinho, PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4140-2570>. E-mail: andrebragart@yahoo.com.br

καὶ ὅλως ἐκ τῶν εὖ ἡνιγμένων ἔστι
 μεταφορὰς λαβεῖν ἐπικεικίς:
 μεταφοραὶ γὰρ αἰνίττονται
 (Aristoteles¹)

1. UM PROBLEMA NA *REPÚBLICA*

No livro VI da *República* de Platão, vemos o personagem Sócrates expor um de seus mais célebres engenhos, o símile ou imagem do Sol (508a4-509c4). O trecho ficou conhecido por muitas alcunhas nos estudos clássicos, a saber, “metáfora solar”², “símile do Sol e da Ideia de Bem”³, primeira parte do “símile da Luz”⁴, etc. A estrutura básica dessa imagem é resumida pelo personagem mestre de Platão nos termos entendidos como pertencentes a uma correspondência ou proporção matemática⁵: *o Bem é*, “na região *noética*, em relação ao *noûs* e às coisas *noéticas*, o mesmo que ele [sc. o sol, 508b9-13] [é], na região visível, em relação à visão e às coisas vistas” (*Rep.* 508c1-2)⁶. Diante de uma solicitação de Glauco (508c3), Sócrates explica o sentido dessa estrutura analógica, apontando, separadamente, duas relações que, dentro desse *framework*, a Ideia de Bem⁷ mantém com as outras Ideias: causalidade “epistêmica” (508c3-509a9) e causalidade “metafísica” (509a9-509b10)⁸.

¹ *Retórica*, III.2.12, 1405b5-6: “E, em geral, é a partir de bons enigmas que se toma de metáforas apropriadas; pois metáforas falam enigmaticamente”. Salvo indicação em contrário, todas as traduções dos textos apresentados neste artigo são de autoria do autor. Dedico este artigo aos professores Rachel Gazolla e Marcelo Perine.

² Vegetti, 2003a, p. 14, 22, 23, 31, 32, etc; 2003b, p. 266, 268, 269, etc.

³ Ross, 1953 (1951), p. 64; 70.

⁴ Ferguson, 1921, p. 131; Murphy, 1932, p. 93.

⁵ Cf. *aná lógon*, *Rep.* 508b13. Cf. também 509d7-8, 511e2, 534a6. Ver Ferguson, 1921 p. 132, *et passim*; Morrison, 1977, p. 220, n. 11; Adam, 2009 [1902], p. 59; Dixsaut, 2000, p. 126. Sobre “analogía”, ver Aristóteles. *Ética a Nicômaco* V, 3, 1131a31-32; Euclides. *Elementos* V, def. 8.

⁶ Não haverá oportunidade, neste artigo, para se discorrer sobre o elemento que aparece algumas linhas antes no diálogo, a relação filial entre o Bem e o Sol (506e3-507a5). Para tanto, remeto às outras ocasiões em que tratei do problema: Silva, 2014, 2017 (cap. 4) & 2022a.

⁷ Faço minhas as palavras de F. Ferrari (2003, p. 287, n. 1), segundo as quais o mais correto seria traduzir o adjetivo neutro *tò agathón* por “o bom” [*il buono*, *le bon*]. Entretanto, para manter uma unidade e um diálogo com a tradição interpretativa do texto, farei referência a este ente como “o Bem” [*il Bene*, *le Bien*].

⁸ Na tradição interpretativa do texto, há uma questão sobre o sentido desta causalidade, se seria “metafísica” ou não. Em que pese esta controvérsia, continuarei me referindo a ela nestes termos, esperando que, no fim de minha exposição, seu sentido “metafísico” reste

Esta última causalidade é apresentada nas derradeiras linhas do símile do Sol, através das seguintes palavras:

τὸν ἥλιον τοῖς ὁρωμένοις οὐ μόνον οἶμαι τὴν τοῦ ὁρᾶσθαι δύναμιν παρέχειν φήσεις, ἀλλὰ καὶ τὴν γένεσιν καὶ αὔξην καὶ τροφήν, οὐ γένεσιν αὐτὸν ὄντα. [...] καὶ τοῖς γιγνώσκομένοις τοῖνυν μὴ μόνον τὸ γινώσκεσθαι φάναι ὑπὸ τοῦ ἀγαθοῦ παρεῖναι, ἀλλὰ καὶ τὸ εἶναι τε καὶ τὴν οὐσίαν ὑπ' ἐκείνου αὐτοῖς προσεῖναι [...]

[...] Dize que, quanto às coisas vistas, o Sol não apenas fornece o seu poder de ser visto, mas também a sua geração, seu crescimento e sua nutrição [...]. E, portanto, quanto às coisas conhecidas, [...] dize que não apenas o seu ser-conhecido está presente devido ao Bem, mas também que tanto o seu *eînai* quanto sua *ousía* lhes pertencem devido a ele [...] (Platão, *República* VI 509b2-8 - grifos meus)

Esta curta porém forte afirmação no final do símile do Sol ganhou um destaque incomensurável na história da filosofia ocidental⁹. Os sentidos de *eînai* e *ousía* costumeiramente foram entendidos nos seguintes termos: Sócrates estaria a exortar Glauco a afirmar que a Ideia do Bem (*Rep.* 508e2-3) é a “causa” (508b9 c/c 508e1-3 c/c 509b2-8) da existência e realidade ontológica dos entes conhecíveis, ou seja, das outras Ideias em geral (507b5-10; 508c1). Nesse sentido, o Bem seria o fundamento último de toda a dita metafísica platônica, pois que seria o alicerce sobre o qual repousaria a própria realidade das Formas inteligíveis. Consequentemente, ao fundamentar a metafísica, tal Ideia fundamentaria também todas as outras facetas do pensamento do autor dos diálogos: ética, filosofia política, cosmologia, etc. Na história de sua recepção, o trecho foi costumeiramente assim entendido, desde os antigos herdeiros do platonismo, como os neoplatônicos, até os dias atuais.

A questão que alguns estudiosos ousaram colocar foi justamente se este sentido milenarmente atribuído a esta causalidade é realmente o “sentido que ela possuía no texto”. Que haja alguma abertura exegética no próprio símile do Sol, isso parece inegável: os termos *eînai* e *ousía* não são explicados nem

textualmente fundamentado. Além disso, é interessante notar que a *relação de causalidade metafísica* exposta no Símile do Sol (*Rep.* 509a9-509b10) pode ser pensada como uma relação absolutamente entre Formas, i.e. entre a Forma do Bem e as outras Formas. Por outro lado, a *causalidade epistemológica* (508c3-509a9) é descrita com respeito ao efeito da Forma Bem não só sobre as outras Formas, mas também sobre o que hodiernamente entendemos como o “sujeito do conhecimento” (ver *Rep.* 508e1-3).

⁹ A título de exemplo, ver Plotino, *Enéadas*, VI.9; Proclo, *Elementos de Teologia*, §§ 11–13. Para mais detalhes, ver Steel, 1991; Meijer 1992; Shorey, 1933; Gutierrez, 2003; Martijn & Gerson, 2017.

na própria passagem, nem no resto do diálogo, e, seja no próprio idioma grego, seja em Platão, trata-se de dois termos polissêmicos. Pesa, ainda, a favor da concessão de importância à discussão do sentido desses termos, o elemento dramático que Platão, na sequência, concede a seu leitor: a reação imediata do personagem Glauco. Assim que Sócrates acabar de narrar a supracitada superioridade da Ideia de Bem, Glauco explode em risos, dizendo: “[...] Ah, Apolo, mas que exagero extraordinário!” (*Rep.* 509c1-2). Portanto, a questão do sentido dos termos *eînai* e *ousía* na passagem, i.e. o sentido da causalidade do Bem, emergiu, na interpretação do texto, com uma das mais relevantes perguntas dos séculos XX e XXI.

De resto, o Bem de Platão tornou-se, mesmo na Antiguidade, uma matéria dotada de uma obscuridade proverbial, como bem sabemos. Fontes reportam de maneira inequívoca a dificuldade que os antigos possuíam em compreender esse ponto do pensamento do fundador da Academia, dificuldade a qual não encontra paralelo na história da filosofia grega¹⁰. Pouca dúvida há de que as afirmações no símile do Sol encontram-se entre as principais razões para esta dificuldade. Expresso num modo imagético, metafórico, o Símile recebera, não por coincidência, interpretações as mais diversas em seus dois milênios e meio de existência. Qual o sentido que ele possuía para o próprio Platão, entretanto, resta ainda um assunto sujeito a discussão. Ouvimos dizer de Aristóteles que “metáforas falam enigmaticamente” (*Retórica*, III.2.12, 1405b6). É possível dizer, então, que temos, no Símile, um verdadeiro “enigma platônico”¹¹, um enigma cujo eco reverbera mesmo hoje em dia. Muitas questões sobre essa curta passagem da *República* surgiram através dos séculos da filosofia ocidental, e muitas ainda continuam a surgir na literatura secundária.

Entre elas, a questão específica que guiará a presente investigação pode ser resumida da seguinte forma: a causalidade da Ideia de Bem sobre as outras Ideias, chamada de “metafísica” (509b2-8), é realmente “metafísica”? O que significariam “*eînai*” e “*ousía*” no trecho? O que o Bem estaria, de fato, a causar para os outros seres inteligíveis?

¹⁰ Por exemplo, Aristoxeno, *Elementa Harmonica* II.30-31; Ânfis, fr. 6k = Diógenes Laércio, III. 27; Alexis, fr. 152k. Ver também Ross, 1953, p. 43; Gaiser, 1980; Dixsaut, 2000, p. 121-122; Annas, 1997, p. 146, 149, 152; Shields, 2011, p. 281.

¹¹ Runia, 2003, p. 487.

Basicamente, nos séculos XX e XXI, as posições interpretativas acerca desse sentido podem ser agrupadas em três macrogrupos:

- a) Interpretação α : este é o grupo dos estudiosos que defendem que o sentido atribuído por Sócrates àquilo que, nas últimas linhas do *símile do Sol*, é causado pelo Bem, não seria “ontológico” ou “metafísico”; isto é, *eînai* e *ousía* não significariam “existência” ou “realidade” (doravante, chamarei este sentido de “sentido fraco” para a causalidade do Bem);
- b) Interpretação β : este grupo defende que o sentido daquilo que é causado pelo Bem é exatamente o sentido que a tradição antiga lhe atribuiu: *eînai* e *ousía* significariam, na passagem, “existência” ou “realidade” (doravante, chamarei este de “sentido forte”); e
- c) Interpretação γ : este grupo compreende os estudiosos que comentam a imagem do Sol, mas que não assumem posição definida sobre o sentido daquilo que é causado pelo Bem no trecho.

Dados os limites inerentes a um curto artigo, desses três macrogrupos, concentrar-me-ei no primeiro. A reflexão sobre a sua posição indicará qual interpretação é, aos meus olhos, mais concorde ao texto platônico. É importante salientar que os estudiosos partidários da Interpretação α apresentam entre si algumas diferenças e peculiaridades, de modo que a posição “ α ” pode ser ainda subdividida em três subgrupos, “Interpretação $\alpha 1$ ”, “Interpretação $\alpha 2$ ” e “Interpretação $\alpha 3$ ”, que serão explicados na sequência.

Considerando assim todos os estudiosos dos séculos XX e XXI de cuja obra eu tenho conhecimento, teremos um total de cinco posições principais identificáveis sobre nosso problema¹². Passemos agora a breves explicações acerca delas, no limite da oportunidade, e à nomeação de seus adeptos.

¹² É importante destacar que, por óbvio, opera-se aqui uma simplificação das posições dos estudiosos. A fim de permitir o agrupamento e o tratamento delas em conjunto, selecionou-se, nelas, o cerne interpretativo que têm em comum. Decerto, a pluralidade de tonalidades de interpretações do *Símile do Sol* encontradas na literatura secundária tornaria inviável o tratamento delas num artigo, se acaso fossem observadas, em minúcias, as idiossincrasias da leitura de cada especialista.

Segundo esta interpretação, os elementos causados pela Forma do Bem na passagem, o *eînai* e a *ousía*, dizem respeito ao “ser verdadeiro” das Formas, isto é, o “ser Forma enquanto Forma”, o “modo de ser” próprio das Formas. Neste viés interpretativo, o personagem Sócrates não estaria se referindo, em última instância, ao sentido forte e metafísico de “existência” ou “realidade” para aquilo que o Bem causaria às outras Ideias. Ele estaria se referindo, antes, a um sentido específico e mais “fraco”, a saber, o sentido das “características que as Formas possuem e que as diferenciam dos entes sensíveis”, chamadas por alguns desses estudiosos de “propriedades ideais” das Formas. Portanto, a causalidade do Bem diria respeito a propriedades tais como inteligibilidade, eternidade, imutabilidade, etc¹³. No século XX, um dos maiores expoentes desse viés argumentativo foi William David Ross, que o defende no seu hoje célebre estudo *Plato's Theory of Ideas* (1951). Apesar da importância da monografia de Ross, mais algumas décadas haveriam de se passar para que sua posição α 1 fosse seguida por outros grandes estudiosos. Para contornar a tonalidade outrora seguida pela tradição, o caminho argumentativo de Ross e seu grupo é fino. Vejamo-lo, sucintamente.

Em alguns momentos do *corpus platonicum*, é possível ver aparecer uma concepção mais geral e não metafísica do “bem” como “excelência” ou o “melhor” de cada coisa¹⁴. A partir dessa concepção, o grupo de comentadores da Interpretação α 1 entendeu que as chamadas “propriedades ideais” das Formas seriam todas causadas pela Forma do Bem. Entendida como “Forma da excelência em si”, o Bem faria dos outros entes inteligíveis “realidades excelentes” ou “perfeitas”, quando comparados aos entes sensíveis. Nessa “perfeição”, estes estudiosos consideram implicadas as características das Ideias como inteligibilidade e cognoscibilidade, desejabilidade cognitiva e normatividade enquanto paradigmas. A Forma do Bem seria algo como “a excelência em si”, enquanto as outras Formas em geral seriam como que exemplares ou instâncias individuais dessa excelência¹⁵, no sentido de cada

¹³ Ver VLASTOS, 1966; KEYT, 1969 & 1971; SANTAS, 1999 [1983].

¹⁴ E.g.: PLATÃO, *Górgias* 479b4; 504c9; 506d5; *República* 335b8-11; 353b2-12; 403d2-3; 518d9-10; 601d4-6.

¹⁵ Segundo Matthias Baltes, para todos os autores pós-platônicos e pré-plotinianos da Antiguidade aludidos por ele, “a Ideia do Bem como a causa do ser é ser *par excellence*” (Baltes, 1999, p. 364). Os autores antigos em questão são: a) Plutarco; b) um platonista (não-identificado) aludido por Justino Mártir; c) Celsus; d) Numenius; e) Alcino/Albino; e f) Atticus. É cabível então reconhecer que, se se concede a veracidade a tal diagnóstico de Baltes, a posição do

Forma seria o ente excelente dentro de uma classe de entes que possuem em comum uma determinada característica ou predicado. A Forma Justiça seria a mais perfeita ou excelente das coisas justas, a Forma Calor seria a mais excelentes das coisas quentes, etc. São exemplos de importantes estudiosos que assumem a Interpretação $\alpha 1$: Ross, 1953 [1951], Santas, 1999 [1983], Vegetti (2003b) e Ferrari (2003).

2.2. Interpretação $\alpha 2$

Próxima da interpretação anterior, a posição $\alpha 2$ também considera que *eînai* e *ousía*, que são descritos como causados pela Ideia de Bem no texto, diriam respeito ao modo de ser próprio das Formas, o modo de ser delas enquanto essências. Entretanto, segundo esta interpretação, este modo de ser “*não*” se refere às propriedades acima descritas, i.e. as propriedades que diferenciam as Ideias dos entes sensíveis, nem a propriedade alguma. Tal modo de ser se referiria, antes, a um “poder de estar presente”, que é próprio das Ideias enquanto tais, ou seja, uma “condição” para as Ideias serem o que são. Apesar de, no meu conhecimento, a Interpretação $\alpha 2$ não possuir outros adeptos de peso, ela não poderia deixar de ser mencionada, dada a incontestável importância da estudiosa que lhe defende: Dixsaut, 2000 [1991].

2.3. Interpretação $\alpha 3$

Segundo esta posição, *eînai* e *ousía* no fim do símile do Sol significam o “valor” e a “essência moral” das Ideias. Isto é, a Ideia do Bem é a fonte e critério do “valor moral” de todas as coisas, inclusive das Ideias. O Bem estaria, então, numa posição não de “causa ontológica” ou “metafísica” em relação às outras Ideias, como havia entendido a tradição, mas sim numa posição de “princípio axiológico”. São exemplos de comentadores partidários dessa interpretação Fronterotta (2001), e, talvez, Ferguson (1921)¹⁶.

grupo $\alpha 1$ estaria longe de constituir uma “novidade” na tradição interpretativa do Símile do Sol. Com relação à principal citação que Baltes (1999, p. 364, n. 59) utiliza para justificar este seu diagnóstico, é preciso reconhecer, entretanto, que ela contribui pouco para tanto: “(O que é deus?) [É] o um de Platão, o uninatural, o unijusto, o ser real, o Bem; ele utiliza todos estes nomes para o *noûs*; então deus [é] o *noûs*, ideia separada.” (tradução minha da citação em grego que Baltes, 1999, p. 364, n. 59, faz de AETIUS, 1, 7, 31).

¹⁶ Ainda que de uma maneira um tanto quanto nebulosa, Ferguson (1921, p. 132-133) afirma que o símile do Sol trata de “valores”, não de “causação metafísica”.

A despeito de pequenas variações não fundamentais, esse grupo segue o entendimento geral que a tradição costumeiramente deu ao trecho. Nesse sentido, para tais estudiosos de β , *eînai* e *ousía* teriam precisamente o sentido “ontológico” ou “metafísico” de “existência” e “realidade”, sendo o Bem a sua causa para as Ideias em geral. Isto posto, algumas variantes exegéticas podem ser notadas dentro do grupo β . Para alguns de seus membros, a Ideia do Bem, doando existência aos entes inteligíveis, seria equivalente à Ideia de Ser (ver p. ex. Baltes, 1997). Para outros, uma vez que o ser de cada Forma, i.e. a sua essência principal enquanto Forma, implica o fato de ela ser sempre “una”, a Ideia do Bem seria equivalente ao princípio ou Ideia do Um (Krämer, 1969; Reale, 1991; Szlezák, 2001; Gutierrez, 2003, 2009 & 2010). Boussoulas (1962), por sua vez, assume simultaneamente estas duas equivalências. Os demais partidários da posição β , embora mais contidos no que tange a estas equipolências dentro da metafísica platônica, não deixam de ver também na afirmação de Sócrates no símile do Sol um sentido de causalidade metafísica do Bem com relação às outras Ideias: Shorey, 1980 [1895] & 1933; Adam, 2009 [1902]; Natorp, 1903; Heidegger, 1988 [1931/1932]; Notopoulos, 1944; LaFrance, 2006; etc.

2.5. Interpretação γ

A lista de comentadores que não apresentam uma posição muito bem definida sobre a difícil questão é igualmente bem representada. Murphy (1932) afirma que o Bem é causa da “existência” e “inteligibilidade” – presumivelmente, das outras Ideias. Contudo, o autor não fornece argumentos ou desenvolvimento para este entendimento. Raven (1953) inicialmente sequer considera a relação de causalidade entre o Bem e as outras Ideias, traçada no símile, como integrante do que é crucial na passagem; apenas ao fim de seu comentário ele dá alguma atenção ao caso, sem contudo apresentar uma posição definida. Hackforth (1942), Malcolm (1962) e Morrison (1977) seguem linhas similares.

3. À GUIA DE UMA CRÍTICA: A INTERPRETAÇÃO “A” E SEUS PROBLEMAS EXEGÉTICOS

Como eu advertia, minha atenção neste artigo estará voltada sobretudo para o grupo α . Uma das razões para tanto é o fato de, diante da abertura interpretativa que a própria passagem *República* VI 509b-c comporta, os

comentadores deste grupo atribuíram, à causalidade do Bem sobre as outras Ideias, um sentido bem diferente daquele que a tradição sempre privilegiou. No fim do símile do Sol, tais comentadores assumiram sentidos específicos, “mais fracos”, não metafísicos, para *eínai* e *ousía*. O fato é digno de nota, posto que tais sentidos são “diferentes” daqueles que os termos “naturalmente” possuiriam dentro do texto platônico, conforme mostrarei mais à frente. Ademais, urge também reconhecer, tais autores se mostram muito competentes em seus trabalhos, elaborando complexos percursos argumentativos para a defesa de desses sentidos não privilegiados pela tradição desde a antiguidade.

Não obstante, aos meus olhos, seja pela vereda $\alpha 1$, seja pela $\alpha 2$, seja pela $\alpha 3$, com estas decisões interpretativas, esses estudiosos visaram sobretudo retirar todo um “peso” metafísico que a afirmativa do personagem Sócrates teria. Tais especialistas visavam, assim, retirar também, o caráter fortemente “absurdo” que ela teria se, mantendo esse “peso”, fosse confrontada com alguns pressupostos do texto. Para explicar tais pressupostos, e tal “absurdidade”, faz-se necessária uma breve digressão.

3.1. A versão “*standard*” do Argumento das Formas e a sua Regra de Causalidade

Embora não haja oportunidade neste curto trabalho para uma exposição detalhada nesse sentido, podemos dizer que o texto da *República* é claro quanto ao fato de que havia uma concórdia entre o personagem Sócrates e seus interlocutores quanto àquilo que ficou conhecido, na literatura secundária, por “Argumento das Formas” ou “Teoria das Ideias”, em sua “versão *standard*”¹⁷. A demarcação explícita de uma tal “concórdia” (*homología*) é, inclusive, tratada no texto como algo sumamente necessário para que se possa iniciar a própria exposição do símile do Sol: *Rep.* 507a7-b11.

Apresentada aos leitores de Platão sobretudo na *República* e nos diálogos *Fédon*, *Banquete* e *Fedro*, a versão *standard* da Teoria das Ideias possui várias características fundamentais. Para pensar a relação de causalidade traçada no símile, é imprescindível destacar pelo menos uma delas: “a relação das Formas com os particulares sensíveis” é entendida como uma “comunidade” (*koinonía*, *Fédon* 100d6; *República* V, 476a7) ou “participação” (*méthexis*,

¹⁷ Ver *República* 476a4-d4; 478c7-480a13; 484b3-4; 485b1-3; 486d9-10; 490b2-4; 493e2-494a5; 500c2-5; 505a2-4; 507a7-b11; 596a6-7; 596e3-597d2; etc. Ver também FRONTEROTTA, 2001; VEGETTI, 2003b.

Banquete 211b2; *Fédon* 100c5, *República* V 476d1-3), representando uma relação de “causalidade”¹⁸. Considerando a notação já estabelecida nos estudos clássicos sobre a matéria¹⁹, tal relação pode ser traduzida nos seguintes termos: “a Ideia F (ou “F em si”, “F-dade”, ou “Φ”), e apenas ela é a “causa” de todos os particulares ou “instâncias” (“entes F”), possuírem a qualidade da qual a Ideia F é o correspondente inteligível, nomeadamente, F-dade (cf. *Fédon* 100b1-d4)”. O esquema seria assim:

(*koinonía* ou *méthexis*)

Φ → entes F

(qualidade **F**-dade)

Esta “configuração” é, de fato, uma “regra” para a Teoria das Ideias²⁰, que eu chamarei aqui de “Regra de Causalidade Geral da Teoria das Ideias em sua versão *standard*”, abreviada doravante por “Regra de Causalidade”. Importante frisar que há uma “exclusividade causal” pressuposta na Regra de Causalidade: “apenas a Ideia Φ pode causar a instanciação da qualidade F nos entes particulares F²¹”.

Na *República*, o personagem Glauco compartilha desta versão da Teoria, partilhando, portanto, também desta Regra de Causalidade que era inerente à mesma, na figura da “participação”. E parece haver no texto ao menos uma pequena pista de que, em tomando este rumo, não nos arriscamos a errar: no livro V, o próprio Glauco tratou a noção de “participação” como um assunto comum e aparentemente já conhecido, não exigindo explicação a respeito (*Rep.* 476c8-d4). A Teoria das Ideias, com sua Regra de Causalidade, representa, assim, o “padrão”, a *homología* prévia, marcada no texto como pré-estabelecida entre Sócrates e seus principais interlocutores, os irmãos de Platão, na conversa apresentada na *República*.

¹⁸ Ver Brisson, 2001; Pradeau, 2001.

¹⁹ Ver Vlastos (1973 [1969]); Frede, 1989; Sedley, 1998; etc.

²⁰ Para tal regra chama atenção também Vegetti, que a entende como uma das facetas de um conjunto maior de regras pertencente à “Teoria das Ideias” (Vegetti, 2003b, p. 253). Platão ele próprio chama a Teoria das Ideias ou Hipótese das Formas de “o Argumento sobre as Formas” (*Rep.* 476a5).

²¹ “[...] ὑποθέμενος εἶναι τι καλὸν αὐτὸ καθ’ αὐτὸ καὶ ἀγαθὸν καὶ μέγα καὶ τὰλλα πάντα [...] εἰ τί ἐστιν ἄλλο καλὸν πλὴν αὐτὸ τὸ καλόν, οὐδὲ δι’ ἑν ἄλλο καλὸν εἶναι ἢ διότι μετέχει ἐκείνου τοῦ καλοῦ; καὶ πάντα δὴ οὕτως λέγω. τῇ τοιαύτῃ αἰτία συγχωρεῖς; συγχωρῶ [...]” (Platão, *Fédon* 100b5-c8).

3.2. A interpretação do símile do Sol à luz da Regra de Causalidade

Voltemos ao Símile do Sol. Recapitulando, as últimas linhas do símile diziam que a Ideia de Bem (*Rep.* 508e2-3) é a “causa” (508b9 c/c 508e1-3 c/c 509b2-8) de certos predicados pertencerem aos entes conhecíveis (ou seja, as Formas em geral: 507b5-10; 508c1). Entretanto, tais predicados não correspondem àquele do qual a Ideia de Bem é o correspondente inteligível, isto é, o predicado “ser-bom”. Numa direção diferente, ouvimos dizer que o Bem é a causa do *éinai* e *ousía* das Ideias. Se estes dois termos possuírem aí o sentido “natural” que lhes é esperado, a saber, o sentido ontológico do “ser” das Ideias enquanto “existência” e “realidade” delas, uma “violação” da Regra de Causalidade Geral da Teoria das Ideias seria patente²². De fato, pela Regra de Causalidade supramencionada, “cada Ideia somente poderia causar a qualidade ou predicado do qual ela é o correspondente inteligível”. Assumir um sentido “forte”, metafísico, para os termos *éinai* e *ousía* no Símile do Sol significaria, portanto, afirmar que a Forma do Bem é a causa, para as outras Formas, de predicados diferentes daqueles dos quais ela é o correspondente inteligível. Ou seja, levaria à assunção de uma causalidade “absurda” dentro da metafísica platônica, enquanto completo desrespeito da regra que rege tal metafísica.

Para evitar uma tal absurdidade, os estudiosos das posições $\alpha 1$, $\alpha 2$, e $\alpha 3$ buscaram argumentar no sentido de que os dois termos gregos no final do Símile do Sol têm sentidos mais “específicos”, representando predicados ou qualidades das quais a Forma do Bem seria esperadamente a causa. Por esse veio, a Regra de Causalidade não seria quebrada: os intérpretes de $\alpha 1$ e $\alpha 2$ defenderam que o “ser” causado pelo Bem significa “ser perfeito”, “ser com excelência”, e, portanto, seria algo que em algum sentido é esperado que fosse causado pela própria Ideia de Bem dentro da Regra de Causalidade. Já os intérpretes de $\alpha 3$ disseram que “ser” no trecho significaria “ser-bom”, i.e. um valor moral, o que igualmente seria algo esperadamente causado pelo Bem segundo a mesma Regra.

Nesse sentido, o que as decisões interpretativas de todo o macrogrupo α lograram alcançar é a assunção de um sentido mais “aceitável” ou “confortável” para o poder causal que o personagem Sócrates atribuiu à Ideia do Bem, fazendo com que tal poder obedecesse à já explanada Regra de Causalidade. Todavia, esta, por assim dizer, “zona de conforto” não pode ocorrer sem um

²² Cf. Vegetti, 2003b, p. 273.

custo ao intérprete. Um custo que, sou obrigado a dizer, não é pequeno. E, ao menos para um destes especialistas, o custo dessa decisão interpretativa “não” parece ter passado despercebido.

Refiro-me a F. Fronterotta, que, após apresentar a sua posição que também consagra um sentido mais específico, não metafísico, para aquilo que é causado pelo Bem no Símile do Sol, admite que essa “precisão” ou “restrição” do sentido dessa causalidade “não” é uma decisão de “pouca monta”²³. Num corajoso gesto de lucidez, o comentador italiano reconhece que esta decisão é... um “ponto fraco” (sic.) de sua interpretação²⁴. E justifica, ainda, essa sua opção, este seu uso de um “ponto fraco”, porque não teria visto outro caminho interpretativo para dar sentido à fala de Sócrates sobre a causalidade do Bem. Em suas próprias palavras: “[...] pois que sentido haveria em dizer que a Ideia de Bem é causa da existência e da realidade das outras Ideias?”²⁵.

Ora, esta “confissão” do estudioso é mui digna de nota. Pois a honestidade de sua exegese levou-lhe a reconhecer dois pontos que são fundamentais para a interpretação que eu estou propondo neste artigo. Primeiro, “não há” elementos textuais suficientemente fortes para justificarem a decisão de “restringir” ou “afunilar”, para um sentido mais específico e não-ontológico, o sentido dos termos *eînai* e *ousía*, cujo sentido “natural” dentro do texto, como veremos, seria equivalente, ou no mínimo não excludente, do sentido de “existência” e “realidade ontológica”. Segundo, este “afunilamento” de sentido é exatamente o que permite o poder causal atribuído por Sócrates à Ideia do Bem fazer sentido dentro dos pressupostos do texto, sobretudo dentro da Regra de Causalidade, evitando assim uma “absurdidade” para a assertiva presente no final do Símile.

Em outras palavras, Fronterotta foi lúcido em perceber, e honesto em reconhecer, que ele fez a opção pelo “sentido menos provável” para uma afirmativa textual, posto que esse sentido apareceu-lhe como o único capaz de garantir que essa afirmativa no símile do Sol não soasse como absurda. E, embora assumido apenas por Fronterotta, a mim parece que este motivo de decisão interpretativa está por trás da decisão de todos os intérpretes que atribuíram às palavras de Sócrates um sentido “mais fraco” ou não-metafísico, i.e. todos os defensores da interpretação α . A maioria destes comentadores empreendeu largo, longo e louvável esforço de argumentação para

²³ Fronterotta, 2001, p. 142, n. 42.

²⁴ Fronterotta, 2001, p. 142, n. 42.

²⁵ Fronterotta, 2001, p. 142, n. 42.

demonstrar a possibilidade de um sentido mais fraco para *eînai* e *ousía* em *Rep.* 509b7-8, garantindo assim que a assertiva de causalidade do Bem no fim do símile do Sol fizesse sentido dentro da Regra de Causalidade da assim chamada Teoria das Ideias.

Penso, contudo, que o próprio texto platônico agradeça os esforços destes estudiosos, mas, educadamente e com gentileza, recuse-os todos – apontando-nos, elegantemente, uma outra solução para este seu “enigma”.

4. TRÊS CONTEXTOS PARA INTERPRETAÇÃO DE *EÎNAI* E *OUSÍA* NO SÍMILE DO SOL

A afirmação da causalidade do *eînai* e da *ousía* das Ideias pela Ideia do Bem não é uma assertiva solta e localizada desprendidamente no texto de um tratado. Tal não foi a opção de Platão de fazer filosofia. Sua opção é pelo “diálogo”, isto é, é pela tensão viva e sempre presente do encontro de posições diferentes em torno do mesmo tema. E, sendo esta a opção do autor, é preciso respeitá-la e levá-la a sério. Nesse sentido, na minha opinião, em que pese a importância dos estudiosos que integram o grupo α , há na *República* três contextos os quais, extremamente importantes para a definição dos sentidos daquilo que é causado pelo Bem (o *eînai* e a *ousía* das Ideias), apontam para “um sentido diferente” daquele apontado por esses especialistas:

- a) o contexto anterior: o contexto do uso que é feito dos termos *eînai* (substantivado) e *ousía* nas passagens da *República* que antecedem a passagem do símile;
- b) o contexto do próprio Símile: o momento específico da discussão na passagem sob análise, isto é, a estrutura da analogia ou correspondência na imagem do Sol; e
- c) o contexto posterior: apresentando o formato dialógico e sendo rico em nuances dramáticas, o próprio texto da *República* apresenta, na sequência imediata à afirmação de causalidade no fim do símile, a reação de outro personagem a tal afirmação.

4.1. Contexto anterior: o sentido na *República* de *eînai* e *ousía* antes do símile do Sol

Quando, mais acima, eu me referia aos sentidos “naturais” dos termos *eînai* e *ousía* dentro do diálogo, eu me referia ao sentido que eles já possuíam na *República* antes do Símile do Sol. Como o contexto em que eles

apareceram anteriormente é bem definido, os sentidos de tais termos não é alvo de largos questionamentos entre os estudiosos em tais passagens. Chamo atenção para o fato de que, no caso de *eînai*, não será levado em conta seu uso propriamente verbal (enquanto infinitivo do verbo *eimî*), mas apenas seu específico uso substantivado, tal como aparece nas últimas linhas do símile do Sol (*tò eînai*, “o ser”, *Rep.* 509b7).

O contexto de todas as ocorrências anteriores é o mesmo: trata-se do trecho no final do livro V (475b-480a), conhecido como a discussão com os “amantes de espetáculos” (*philothéámones*, 475d2), e seus desdobramentos no início do livro VI (484a-486e). É possível ver nessa parte do diálogo uma discussão onto-epistemológica, de inspiração eleática, na qual pretende-se diferenciar dois modos de ser na realidade (*Rep.* 476e-479e):

- i) o modo de ser “daquilo que existe sempre e do mesmo modo”, que, sendo chamado de “o ser” (*tò eînai*) e “a realidade” ou “a essência” (*hē ousía*), é o real objeto do conhecimento (*epistémē*); e
- ii) o modo de ser “daquilo que está sujeito a geração e corrupção”, que, sendo intermediário entre ser (ou realidade) e não ser (ou “nada”), é o objeto da opinião (*dóxa*).

A partir do estabelecimento desses dois modos de ser, dois tipos de atitudes epistemológicas são identificadas em relação a eles, a filosófica e a não filosófica. As passagens em questão são:

- *Rep.* 477a6-7: “[...] se há alguma coisa desse modo, ao modo do ser e do não ser (*hōs eînai te kai mē eînai*), isso não ficaria entre o absoluto ser e o absoluto não ser (*toû eilikrinôs óntos kai toû aû mēdamēi óntos*)?”
- *Rep.* 478e1-2: “[...] Ao que parece, falta-nos descobrir aquilo, o que participa de ambos, do ser e do não ser (*toû eînai te kai mē eînai*) [...]”
- *Rep.* 479c6-7: “[...] que hás então de fazer-lhes? [...] Ou poderá dar-lhes melhor posição do que entre a essência e o não ser (*tês [...] ousías te kai toû mē eînai*) [...]?”
- *Rep.* 485a10-b3: “Concordemos, pois, quanto à natureza dos filósofos, que estão sempre apaixonados pelo saber que possa revelar-lhes algo daquela essência que existe sempre (*tês ousías tēs aeî oúses*) e que não se desvirtua devido à geração e destruição.”
- *Rep.* 486a8-10: “[...] mas [sc. o filósofo] com um pensamento superior e contemplando a totalidade do tempo e a totalidade da essência [...] (*páses dē ousías*)”

Aprofundarmo-nos nessas passagens nos levaria a perder o foco de nossa investigação. Não obstante, é possível reconhecer, no mínimo, que, antes do *Símile do Sol*, os termos *eînai* (substantivado) e *ousía* aparecem no texto da *República* numa discussão epistemológico-metafísica²⁶, na qual possuem precisamente o sentido “forte”, ontológico, metafísico, de “ser”, “essência”, “coisa realmente existente”, “realidade”. Tal é o sentido dos dois termos que eu chamei de “natural” no contexto dessa obra, dado que ele vinha sendo utilizado, sem nenhuma modificação e ininterruptamente, durante o final do livro V e o início do livro VI, até o momento do *Símile*. Considerando que essa discussão ocorre “um pouco antes” da apresentação do *Símile do Sol*, é bastante razoável supor que, quando faz uso de *eînai* e *ousía* no *símile* sem dar nenhuma explicação acerca desses dois termos, o Sócrates platônico “tivesse em mente exatamente este mesmo sentido metafísico para os dois termos”. Não possuímos nenhuma evidência textual para afirmar que Sócrates mudou o sentido que usava para estes termos.

4.2. Contexto do momento específico da passagem: a analogia presente no *Símile do Sol*

Para pensar a correspondência analógica dos elementos na imagem do Sol, convém primeiro repassar os dados textuais do *símile*. Em *Rep.* 508a4-b11, Sócrates descreve o papel do sol e sua luz, na natureza, em relação ao fenômeno da visão. Na sequência (508b12-c2), encarando esta descrição como uma imagem ou símbolo, o filósofo anuncia a “correspondência” dos elementos da imagem/símbolo (o sol, a vista, as coisas visíveis) com os elementos do original/simbolizado (o Bem, o *noûs*, as coisas inteligíveis). Face ao pedido de Glauco (508c3) pela explicação do sentido desta correspondência, Sócrates dá duas explicações do simbolizado a partir da imagem:

- i) há uma certa relação causal do Bem no âmbito inteligível, nos moldes da relação causal do Sol no âmbito da visão (508c3-509a9); e
- ii) há uma certa relação causal do Bem no âmbito inteligível, nos moldes da relação causal do Sol no âmbito da geração e vida dos entes visíveis (509a9-b10).

²⁶ Não há oportunidade neste artigo para adentrar as infundáveis questões na literatura secundária sobre a discussão dos “amantes de espetáculos” em *República* V. Para tais questões, remeto o leitor aos excelentes estudos de Fine (1990), Gonzalez (1996), e aqueles reunidos na coletânea Araújo (2014).

É esta segunda causalidade que nos interessa. É este o contexto específico em que aquilo que é causado pelo Bem é nomeado pelos termos *eînai* e *ousía*. Sócrates está, portanto, a explicar o significado de um aspecto da analogia, nomeadamente, uma causalidade específica na esfera do inteligível que “corresponde” a uma causalidade específica na esfera visível²⁷. A causalidade específica diz respeito ao fato de a Forma do Bem ser, “para as Formas em geral”, causa do *eînai* e da *ousía* delas, o que é “correspondente” ou “análogo” (508b12-c2) ao fato de o sol ser, “para as coisas visíveis”, causa da sua “geração”, do seu “crescimento” e da sua “nutrição”. Entendendo-se que estes três processos dizem respeito sobretudo à “vida”²⁸, indaguemos: que seriam, “para as coisas vivas, geração, crescimento” e “nutrição”? Salvo melhor juízo, geração é aquilo devido ao que ocorre para elas o próprio fato de “ser” ou “existir”. “Nutrição” é o que mantém/garante a duração deste “ser” ou “existência” no tempo. E “crescimento” é o próprio modo de elas existirem, que é garantido por essa “manutenção” (a nutrição). Sócrates, então, parece querer dizer que, na imagem, a causalidade do sol diz respeito, quanto às coisas visíveis, a três características delas: o próprio fato de elas serem, i.e. a sua existência; o modo de elas serem; e a duração delas no tempo. Se é para aplicar, como correspondência, “o mesmo” (*toûto*, 508c1) do âmbito visível no âmbito inteligível, então, *mutatis mutandis*, a causalidade do Bem em relação às Formas diz respeito a três aspectos delas: o próprio fato de elas serem ou existirem; o modo de elas serem ou existirem; e a duração desses seres no tempo. Isto é, do contexto específico da correspondência dos elementos no Símile do Sol, podemos extrair que o Bem é, para as outras Ideias: a causa do “ser” no sentido forte, metafísico, i.e. a “existência”, delas; a causa da inteligibilidade e imutabilidade, i.e. o modo de ser próprio, a “essência” delas; e a causa da “eternidade” delas.

Nesse sentido, em uníssono com o primeiro contexto visto, o segundo contexto analisado também mantém, para “*eînai*” e “*ousía*” no símile do Sol, o sentido “ontológico” ou “metafísico”, i.e. “existência” e “realidade” das Ideias.

²⁷ Ao valer-me de expressões como “âmbito” ou “esfera inteligível”, “esfera visível”, estou apenas aludindo às expressões presentes no texto platônico, como “*noëton tópos*”, “*horatón tópos*” (*Rep.* 508c1-2), sem pretender com isso me comprometer com qualquer posição fergusoniana ou anti-fergusioniana sobre o caso. Cf. Ferguson, 1921.

²⁸ Embora o conceito de “vida” pareça ser mais amplo no século IV a.C. do que o é em nossa era, é importante frisar que a passagem seria aplicável também aos entes sensíveis que hoje entendemos como “inanimados”, dado que o conceito de “geração” (*gênesis*) é certamente aplicável a todos eles.

4.3. Contexto posterior: as nuances dramáticas subsequentes na própria discussão

Finalmente, há um último contexto de interpretação do significado daquilo que é causado pelo Bem nas últimas linhas da imagem solar, o qual pode mesmo servir de teste para os dois contextos anteriores. Para tanto, vou colocar em suspenso os dois contextos que acabo de expor. Suponhamos, então, que os sentidos que as expressões *tò eînai* e *hē ousía* possuíam nas passagens anteriores (o fim do Livro V e o início do VI) poderiam ter sido modificados no Símile do Sol, mesmo sem nenhuma indicação textual disso. E suponhamos também que a correspondência que eu estabeleci acima, no próprio Símile, entre os elementos de causalidade no visível e aqueles no inteligível não funcione, ou, no mínimo, seja questionável. Mantenhamos tudo isso em suspenso, para fins de argumentação, e partamos para a consideração do último contexto que parece imprescindível como guia da interpretação das palavras do personagem Sócrates.

Consideremos agora o fato de que tais palavras fazem parte de um diálogo vivo, no qual o que é dito ou feito por um personagem é de algum modo encarado e avaliado pelos outros *dramatis personae*. Após a afirmação da causalidade do *eînai* e da *ousía* das Ideias pela Ideia de Bem, Platão proveu-nos com “a reação de Glauco ao que Sócrates disse”. E, ato contínuo, proveu-nos também com “a reação do próprio Sócrates à reação de Glauco”:

τὸν ἥλιον τοῖς ὁρώμενοις οὐ μόνον οἶμαι τὴν τοῦ ὁρᾶσθαι δύναμιν παρέχειν φήσεις, ἀλλὰ καὶ τὴν γένεσιν καὶ αὔξην καὶ τροφήν, οὐ γένεσιν αὐτὸν ὄντα. [...] καὶ τοῖς γινωσκομένοις τοίνυν μὴ μόνον τὸ γινώσκεσθαι φάναι ὑπὸ τοῦ ἀγαθοῦ παρεῖναι, ἀλλὰ καὶ τὸ εἶναί τε καὶ τὴν οὐσίαν ὑπ’ ἐκείνου αὐτοῖς προσεῖναι [...]

καὶ ὁ Γλαῦκων μάλα γελοῖως, Ἄπολλον, ἔφη, δαιμονίας ὑπερβολῆς.

σὺ γάρ [...] αἴτιος, ἀναγκάζων τὰ ἐμοὶ δοκοῦντα περὶ αὐτοῦ λέγειν.

[SÓC.] [...] Dize que, quanto às coisas vistas, o Sol não apenas fornece o seu poder de ser visto, mas também a sua geração, seu crescimento e sua nutrição [...]. E, portanto, quanto às coisas conhecidas, [...] diz que não apenas o seu ser-conhecido está presente devido ao Bem, mas também que tanto o seu *eînai* quanto sua *ousía* lhes pertencem devido a ele [...].

E, em um tom muito cômico, Glauco diz: “Ah, Apolo, mas que exagero extraordinário!”

[SÓC.] Pois tu és o culpado [disso] [...], obrigando-me a dizer minhas opiniões sobre essas coisas!

(Platão, *República* VI 509b2-c2)

Mantendo o foco da investigação, abstrairemos de dois importantes elementos na reação de Glauco, a comicidade e a alusão ao deus Apolo. Concentremo-nos, assim, nas outras palavras do irmão de Platão. Conforme mencionado páginas atrás, Glauco compartilha com Sócrates a aceitação da Teoria das Ideias, e de sua inerente Regra de Causalidade. Mencionei também que os intérpretes da posição α assumiram um sentido não-metafísico para *eînai* e *ousía* porque parecem ter visto que esta era a única maneira de a afirmação causal de Sócrates sobre o Bem não parecer absurda ou desmedida face a esta Regra. Sobre o que eu ainda não havia me debruçado era esse fato dramático agora exposto: imediatamente após a afirmação socrática, o personagem Glauco irá justamente acusar o dito de ser um “exagero extraordinário”! Ou seja, o interlocutor de Sócrates acusa as palavras do filósofo ateniense de possuírem exatamente aquilo que as elaboradas argumentações dos membros do grupo “Interpretação α ” procuraram afastar de suas palavras no fim do símile: “um sentido de causalidade excessiva ou absurda”²⁹, “posto que metafísica”.

Conforme as passagens da *República* já aludidas acima, Glauco tem como parâmetro a versão *standard* da Teoria das Ideias, e é sagaz o suficiente para imediatamente perceber que Sócrates afirmava algo que ultrapassaria as regras de funcionamento dessa teoria. Sócrates afirmara, de fato, que a Ideia de Bem seria causa, mais que do fato de as Ideias serem “boas”, mas da própria existência e realidade delas.

É possível que algum leitor da *República* eventualmente interpretasse que, na verdade, Glauco não entendeu a afirmação da causalidade do Bem no sentido que ela realmente possuía para o próprio personagem Sócrates, e que foi devido a este seu erro que Glauco chegou à conclusão de que a afirmação de Sócrates era metafísica, e, portanto, excessiva, absurda. Entendo, contudo, que tal caminho exegético não se sustente, porque, se acaso o personagem irmão de Platão tivesse interpretado erroneamente o sentido do exposto, e a causalidade metafísica não fosse um dos sentidos pretendidos pelo próprio Sócrates ao estabelecer a analogia, “nada seria mais natural a Sócrates do que apontar esse erro de seu interlocutor”. Conforme a prática apresentada por tal personagem nas dezenas de discussões dramáticas em que Platão fez questão que ele estivesse presente, tivesse Glauco mal compreendido a afirmação causal de Sócrates, este poderia ter devolvido uma

²⁹ Para uma boa argumentação no sentido de entender *daimonías hyperbolés* (*República* VI 509c1-2) como “excesso”, “exagero”, com referência aos diálogos, cf. Vegetti, 2003b, p. 267.

resposta admoestadora, como seu costume: “Tu estás a entender-me errado, meu caro Glauco. Não há exagero extraordinário algum no que afirmo, porque o significado do que estou te dizendo não é de uma causalidade metafísica”. Ou, caso desejasse ser mais incisivo, o filósofo ateniense poderia até mesmo chegar a rebater: “O que estou te dizendo, Glauco, mas tu não foste capaz de entender, é que o Bem é a causa dos atributos que fazem as Ideias serem Ideias” (se o sentido das palavras de Sócrates fosse o sentido defendido pelos intérpretes do grupo $\alpha 1$); ou “(...) é que o Bem é a causa do modo de ser das Formas” (conforme a posição $\alpha 2$); ou, ainda: “(...) é que o Bem é a causa da essência moral das Formas” (segundo a interpretação $\alpha 3$). Ou seja, ao Sócrates platônico, que não deixa a discussão continuar caso discorde de algo (ver *Teeteto* 169a6-c3), nada teria sido mais fácil do que dar qualquer uma destas respostas, mostrando a Glauco que sua “pilhéria” (cf. *mála geloíos*, *Rep.* 509c1) é absolutamente infundada, posto que ela ataca um sentido da assertiva causal que não era aquele presente nas palavras ditas pelo amigo.

Todavia, seja uma versão admoestadora, seja uma versão mais agressiva, nada parecido com uma tal tréplica de Sócrates a Glauco encontra-se no texto da *República*. Repare-se que não está sendo feita, da minha parte, uma reivindicação de que o texto não exigisse de seu leitor um esforço de interpretação. Em absoluto. Mas aquilo para o quê estou chamando atenção é para o fato de que não há, da parte de Sócrates, qualquer acusação de impropriedade, ou mesmo um esboço de refutação, da qualificação de “exagero extraordinário”, imputada por Glauco à sua exposição causal sobre o Bem. Nada nem perto disso. A reação de Sócrates à acusação de Glauco de exagero é diametralmente oposta, beirando mesmo à irritação: “Pois tu és o culpado [disso] (...), obrigando-me a dizer minhas opiniões sobre isso” (509c3-4). Isto é, Sócrates não procura alegar que Glauco entendeu sua exposição erroneamente, com um sentido diferente do que ela realmente possuía. Mais que isso: diante da ridicularização e da acusação de exagero sofridas, Sócrates tampouco procura defender a legitimidade do sentido que ele atribuíra à causalidade do Bem. Ele apenas alega que ele mesmo não teria realizado esta exposição, e que o culpado por esta realização é o próprio Glauco, por ter insistido que ele a fizesse. E esse é um ponto também muito notável.

Porque, com essa sua curta, mas fundamental resposta, o personagem Sócrates fornece ao leitor de Platão ao menos dois pontos para guiar uma interpretação do trecho:

- i) Glauco entendeu a exposição da causalidade no fim do símile do Sol com o sentido que ela realmente tinha para o seu expositor, Sócrates, a saber, um sentido metafísico, segundo o qual o Bem causaria o *eînai* e a *ousía* no sentido da existência e realidade das Ideias;
- ii) Sócrates não estava tão certo da legitimidade da sua exposição a ponto de tentar esboçar uma “crítica à crítica” de Glauco, i.e. uma “tréplica”; ele aceita a acusação de “exagero extraordinário”, apenas dizendo não ser ele próprio o culpado pela exposição ter se dado.

Sócrates, de fato, não insistiu mais sobre seu ponto. A afirmação causal sobre o Bem que fora criticada por Glauco (509b7-8), em que pese toda a importância que adquiriu na história da filosofia Ocidental, não foi mais exposta nem defendida, nem na *República*, nem em qualquer outra parte do *corpus platonicum*. Se alguma importância deve ser reconhecida ao formato dialógico eleito pelo autor Platão, é preciso reconhecer que ele fez o personagem de seu irmão mais velho marcar um ponto importante em sua obra, um ponto que não experimentou derrota nas hábeis mãos de seu grande arguidor, Sócrates.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, há na *República* três contextos textuais os quais delineiam, com um grau de certeza bastante palpável, os sentidos legitimamente atribuíveis no diálogo aos termos *eînai* e *ousía*. Tais contextos textuais apontam numa mesma e única direção: no fim do símile do Sol, o personagem Sócrates estava a afirmar uma causalidade metafísica para o Bem, segundo a qual ele seria causa do *eînai* e da *ousía* das Ideias, no sentido da existência e realidade ontológica desses entes inteligíveis³⁰.

Imediatamente após a exposição deste ponto, Glauco apresenta, em tom jocoso, uma colocação crítica quanto ao exposto. Ao não corrigir a colocação de Glauco, o personagem Sócrates aceita que o modo como Glauco entendeu sua fala correspondia, de fato, ao sentido presente em sua exposição causal. Os três contextos textuais permitem concluir que precisamente o sentido que os estudiosos partidários da interpretação α procuravam evitar – nomeadamente, um sentido forte e metafísico para os termos *eînai* e *ousía* no Símile do Sol – é justamente o pretendido sentido dessas palavras nesta passagem.

³⁰ Considerando a distinção dos matizes explanada por Vlastos (1973 [1965]).

Era exatamente isso o que Sócrates afirmava sobre Ideia do Bem, e foi exatamente isso assim que Glauco entendeu em suas palavras.

A assunção de sentidos diferentes daquele pretendido por Sócrates era um “ponto fraco” na decisão interpretativa do grupo α , para empregar as honestas palavras de Fronterotta. Uma vez que tal assunção coloca o caminho deste grupo em sonora dissonância com os três momentos do diálogo aqui examinados, ela pode ser considerada como sumamente fatal para todas as propostas exegéticas que esse grupo de estudiosos apresentou, ou seja, as posições $\alpha 1$, $\alpha 2$, e $\alpha 3$.

Inexoravelmente, a única posição interpretativa que está de acordo com a análise aqui empreendida do texto da *República* é, de fato, a interpretação da causalidade do Bem como sendo causalidade metafísica, que fora milenarmente defendida pela posição β .

Agora, se me for possível avançar a interpretação aqui traçada ainda mais longe, é honesto e necessário reconhecer que o “enigma” do Símile do Sol não foi, contudo, completamente resolvido. Isto porque a conclusão alcançada, qual seja, a assunção do sentido metafísico para o que é causado pelo Bem, *tò ênai* e *he ousía* das Ideias, está longe de trazer uma resposta final, definitiva, à problemática da obra. Ao contrário, permanece um grande “enigma”, um verdadeiro desafio para os intérpretes. A assunção deste sentido não pode deixar de representar um desafio interpretativo, posto que representa uma afirmação que vai diametralmente contra a supramencionada Regra de Causalidade que é basilar para a Teoria das Ideias como um todo. Resta, portanto, uma verdadeira interrogação, uma aporia real, entreaberta nas linhas do texto. Uma aporia muito bem notada por Fronterotta, que a enunciou para dizer que isto não poderia ser o caso: “que sentido haveria em dizer que a Ideia de Bem é causa da existência e da realidade das outras Ideias?”³¹

Não obstante, sim, isto é precisamente o caso. Isto é precisamente o que foi dito no final do Símile do Sol, e isto é o que Glauco, “numa maneira muito jocosa” (*mála geloíos*), acusou de ser um “absurdo”, “um exagero extraordinário”, da parte de Sócrates (cf. *daimonías hyperbolés*, *Rep.* 509c1). Isto é o que o texto de Platão está, à superfície, dizendo. Por outro lado, em sua dimensão mais profunda, é a pergunta aporética de Fronterotta que parece

³¹ Fronterotta, 2001, p. 142, n. 42.

permanecer a ressoar, clamando por uma resposta. O desafio deixado em aberto³². O enigma. Para nós³³.

E, em geral, é a partir de bons enigmas que se
toma de metáforas apropriadas; pois
metáforas falam enigmaticamente.
(Aristóteles)

[Recebido em fevereiro/2025; Aceito em maio/2025]

REFERÊNCIAS

- ADAM, J. *The Republic of Plato. Edited with critical notes, commentary, and appendices by James Adam*. Cambridge: CUP, 2009 (1902), vol. II.
- ANNAS, J. Understanding and the Good: Sun, Line, and Cave. In KRAUT, R. (ed.) *Plato's Republic: Critical Essays*. New York: Rowman & Littlefield, 1997 (1981).
- ARAÚJO, C. (org.). *Verdade e espetáculo. Platão e a questão do ser*. Rio de Janeiro: Faperj; 7 Letras, 2014.
- BALTES, M. Is the Idea of the Good in Plato's Republic beyond Being? In *Idem*; HÜFFMEIER, A. (ed.). *DIANOEMATA. Kleine Schriften zu Platon und zum Platonismus*. Stuttgart; Leipzig: Teubner, 1999, p. 351-371. [Originalmente em: JOYAL, M. (ed.), *Studies in Plato and the Platonic Tradition. Essays Presented to John Whittaker*. Aldershot: Ashgate, 1997.]
- BLONDELL, R. *The play of character in Plato's dialogues*. Cambridge: CUP, 2003. [2002]
- BOUSSOULAS, N. I. La causalité du Bien et la métaphysique du Mélange platonicien. In *Revue de Métaphysique et de Morale* 1 (1962).
- BRISSON, L. Comment rendre compte de la participation du sensible à l'intelligible chez Platon?. In PRADEAU, J.-F. *Platon: les formes intelligibles. Sur la forme intelligible et la participation dans les dialogues platoniciens*. Paris: PUF, 2001.
- DIXSAUT, M. L'analogie intenable.: le Soleil et le Bien. In DIXSAUT, M. *Platon et la question de la pensée*. Paris: Vrin, 2000 [1 ed. 1991].
- FERGUSON, A. S. Plato's Simile of Light. Part I. The Similes of the Sun and the Line. In *The Classical Quarterly* 15 No. 3/4 (1921).
- FERGUSON, A. S. Plato's Simile of Light. Part II. The Allegory of the Cave (continued). In *The Classical Quarterly* 16 No. 1 (1922).
- FERRARI, F. L'idea del bene: collocazione ontologica e funzioni causale. In PLATONE. *La Repubblica*. Traduzione e commento a cura di Mario Vegetti. Napoli: Bibliopolis, 2003.

³² Aos olhos de Blondell (2003, p. 39), um objetivo fundamental de Platão, ao escrever os diálogos, era “fazer do leitor um participante da discussão”, i.e. era fazer com que também ele se engajassem nas respostas às questões levantadas. Este ponto, contudo, não poderá ser aqui desenvolvido; é um assunto para outra ocasião. Ver também Press, 2000, p. 29; Nails, 1995, p. 218-219 & 2000, p. 20.

³³ Para tentativas de resolução do problema, com referências aos diálogos, ver Silva, 2017, 2022b, 2022c & 2024.

- FINE, G. Knowledge and Belief in Republic V-VII. In: FINE, G. *Plato on knowledge and forms: selected essays*. Oxford: Clarendon Press, 2004. [1990]
- FREDE, M.; BRUSCHWIG, J. Les Origines de la Notion de Cause. *Revue de Métaphysique et de Morale*, 94e Année, no. 4 (1989), p. 483-511.
- FRONTEROTTA, F. ΜΕΘΕΞΙΣ *La teoria platonica delle idee e la partecipazione delle cose empiriche*. Pisa: Scuola Normale Superiore, 2001.
- GAISER, K. Plato's Enigmatic Lecture 'On the Good'. *Phronesis*, vol. 25, no. 1 (1980), p. 5-37.
- GONZALEZ, F. J. Propositions or Objects? A Critique of Gail Fine on Knowledge and Belief in Republic V. *Phronesis*, Vol. XLI/3 (1996).
- GUTIERREZ, R. La estructura de los símiles de la *República* como clave hermenéutica: el *Parménides* y outros. In GUTIERREZ, R. (ed.). *Los símiles de la República VI-VII de Platón*. Lima: PUC-Peru, 2003.
- GUTIERREZ, R. Dialéctica, Koinonía y Unidad. *República V* y las hipótesis I y II del *Parménides*. In PERINE, M. (org.). *Estudos Platônicos. Sobre o ser e o aparecer, o belo e o bem*. São Paulo: Loyola, 2009.
- GUTIERREZ, R. Reflexiones sobre Republica V 475e-480a. In *Revista Latinoamericana de Filosofía* (2010).
- HACKFORTH, R. Plato's Divided Line and Dialectic. In *The Classical Quarterly* 36 No. 1/2 (1942).
- HEIDEGGER, M. Vom Wesen der Wahrheit. Zu Platons Höhlengleichnis und Theätet. In: HEIDEGGER, M. *Gesamtausgabe* Band 34. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1988 [1931/1932].
- KEYT, D. Plato's paradox that the Immutable is Unknowable. In *Philosophical Quarterly* 19 (1969), p. 1-14.
- KEYT, D. The mad craftsman of the Timaeus. In *Philosophical Review* 80 (1971), p. 230-235.
- KRÄMER, H. J. Epekeina tês ousías: On Plato, *Republic* 509b. In: NIKULIN, D. (ed.) *The other Plato*. New York: University of New York Press, 2012. [1969]
- LAFRANCE, Y. Deux lectures de l'Idee du Bien chez Platon: République 502c-509c. In: *Laval théologique et philosophique*, vol. 62, no. 2 (2006), p. 245-266.
- MALCOLM, J. The Line and the Cave. In *Phronesis*, 7 (1962).
- MORRISON, J. S. Two unresolved difficulties in the Line and Cave. In *Phronesis*, 22 (1977).
- MURPHY, N. R. The 'Simile of Light' in Plato's Republic. In *The Classical Quarterly* 26 No. 2 (1932).
- NAILS, D. *Agora, Academy and the Conduct of Philosophy*. Boston: Kluwer, 1995.
- NAILS, D. "Mouthpiece Schmouthpiece". In: PRESS, G. (ed.). *Who speaks for Plato?*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2000.
- NATORP, P. *Plato's Theory of Ideas*. Sankt Augustin: Academia Verlag, 2004. [1903]
- NOTOPOULOS, J. A. The Symbolism of the Sun and Light in the Republic of Plato. II. In *Classical Philology* 39 – No. 4 (1944).
- PRADEAU, J.-F. Les formes et les réalités intelligibles. L'usage platonicien du terme εἶδος. In PRADEAU, J.-F. *Platon: les formes intelligibles. Sur la forme intelligible et la participation dans les dialogues platoniciens*. Paris: PUF, 2001.
- PRESS, G. "The Logic of Attributing Characters' Views to Plato". In: PRESS, G. (ed.). *Who speaks for Plato?*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2000.
- RAVEN, J. E. Sun, Divided Line, and Cave. In *The Classical Quarterly* 3 No. 1/2 (1953).
- REALE, G. *Para uma nova interpretação de Platão*. São Paulo: Loyola, 2004 (1991).
- ROSS, W. D. *Plato's Theory of Ideas*. Oxford: Clarendon Press, 1953 (1951).

- RUNIA, D. T. Beyond beingness in dignity and power - Plato's Doctrine of the Good. In: PICKAVÉ, M. (ed.). *Die Logik des Transzendentalen. Festschrift für Jan A. Aertsen zum 65. Geburtstag*. Miscellanea Mediaevalia. Band 30. Berlin: De Gruyter, 2003, p. 487-500.
- SANTAS, G. The Form of the Good in Plato's Republic. In FINE, G. *Plato's I – Metaphysics and Epistemology*. Oxford: OUP, 1999 (1983).
- SEDLEY, D. Platonic Causes. *Phronesis* 43 (1998), 114-132.
- SHIELDS, C. Surpassing in Dignity and Power: The Metaphysics of Goodness in Plato's Republic. In ANAGNOSTOPOULOS, G. (ed.). *Socratic, Platonic and Aristotelian Studies: Essays in Honor of Gerasimos Santas*. London: Springer Science+Business Media, 2011.
- SHOREY, P. What Plato said. Chicago: University of Chicago Press, 1933.
- SHOREY, P. The Idea of Good in Plato's Republic. In *Idem. Selected Papers*. Vol. II. New York/London: Garland, 1980 (1895).
- SILVA, A. L. B. O Drama e a Ideia de Bem: receios, esquivas e inseguranças do personagem Sócrates. In *Revista de Estudos Históricos e Filosóficos da Antiguidade*, no. 27, ano XVIII/XIX (2013/2014), p. 11-51.
- SILVA, A. L. B. *Platão, o Bem, e a fragilidade da jangada humana: um estudo sobre o símile do Sol da República*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017. Tese (Doutorado em Filosofia). Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-18072017-160906/publico/2017_AndreLuizBragaDaSilva_VCorr.pdf (acesso em: 02/03/2022, às 13:05).
- SILVA, A. L. B. O “falar por imagem” na República de Platão. *Revista Diaphonía*, v. 8, p. 24-36, 2022. [2022a]
- SILVA, A. L. B. ‘The «Ideas as thoughts» hypothesis of *Parmenides* 132b-c: a historical approach’. In : In: BRISSON, L.; MACÉ, A.; RENAUT, O. (Org.). *Plato's Parmenides. Selected Papers of the Twelfth Symposium Platonicum*. Baden-Baden: Academia Verlag; Nomos, 2022, p. 59-68. [2022b]
- SILVA, A. L. B. Seria o Sofista uma correção da República? Platão e a questão do ser das Ideias. *Hypnos : Revista do Centro de Estudos de Antiguidade*, v. 49, p. 1-20, 2022. [2022c]
- SILVA, A. L. B. Does Plato revise his ontology in Sophist 256a? Notes on the ‘being’ of the Ideas. In: BRISSON, L.; HALPER, E.; PARRY, R. (Org.). *Plato's Sophist. Selected Papers of the Thirteenth Symposium Platonicum*, 1aed. Baden-Baden: Nomos / Verlag Karl Alber / International Plato Society, 2024, p. 341-.
- STEEL, C. The One and the Good: Some Reflections on a Neoplatonic Identification. In: Vanderjagt, A.; Pätzold, D. (eds.). *The Neoplatonic Tradition. Jewish, Christian and Islamic Themes*. Series: Dialectica Minora, 3. Köln: Dinter, 1991, p. 9-25.
- SZLEZÁK, T. A. La idea del Bien como arché en la República de Platón. In GUTIERREZ, R. (ed.). *Los símiles de la República VI-VII de Platón*. Lima: PUC-Peru, 2003. [2001]
- VEGETTI, M. Introduzione ai libri VI e VII. In PLATONE. *La Repubblica*. Traduzione e commento a cura di Mario Vegetti. Napoli: Bibliopolis, 2003. (2003a)
- VEGETTI, M. *Megiston mathema*. L'idea del “buono” e le sue funzioni. In PLATONE. *La Repubblica*. Traduzione e commento a cura di Mario Vegetti. Napoli: Bibliopolis, 2003. (2003b)
- VLASTOS, G. A metaphysical paradox. In *American Philosophical Association Proceedings* 39 (1966), p. 5-19.
- VLASTOS, G. Degrees of reality. In VLASTOS, G. *Platonic Studies*. Princeton: PUP, 1973. [1965]
- VLASTOS, G. Reason and Causes in the Phaedo. In: VLASTOS, G. *Platonic Studies*. Princeton: PUP, 1973. [1969]